



A TI

QUE ME OUVES

Como o dia ao findar, o decesso não trunca
O poder do ideal e a corrente da vida...
Nem ancinho a morder, nem mão em garra adunca...
A morte? Apenas sonho embalando a partida...

Se o caminho em que vais é trilha que se junca
De farpas, lama e fel, sem clareira ou saída,
Sê compaixão sòmente e não sentirás nunca
A sombra da tristeza ou a esperança perdida.

(*) Poeta e jornalista, AW trabalhou ativamente na imprensa, principalmente depois que fixou residência em Livramento, tendo sido diretor de *O Republicano*. Patrono da cadeira nº 40, na Academia Sul-Riograndense de Letras. Sua poesia é essencialmente subjetiva, com impressões de vida interior. Prefaciando-lhe a obra póstuma *Poesias*, Mansueto Bernardi afirmou: «Alma de eleição, um dos mais finos temperamentos artísticos do Rio Grande, uma das belas vozes da poesia, no Brasil.» E mais adiante, observava: «Ao mesmo tempo que o pensamento do

Se a agonia envenena o pranto de teus olhos,
Qual rocio letal no lodo que te banha,
Não te fira a visão de tremedais e abrolhos.

O amor é como o sol ante o charco profundo...
Amando, entenderás que a dor mais rude e estranha
14 E' sempre a Lei de Deus que se move no mundo...

AGORA

Eis o tempo que passa... Um juiz onde fores,
Espírito da Lei que a tudo envolve e doma.
Ontem, do Nilo em festa à grandeza de Roma,
Era a glória do mundo em cinzas e esplendores.

Hoje, carro triunfal dos sonhos redentores,
Em que a bênção do dia é celeste redoma,
Onde a vida se alteia e, pura, se retoma
Para erguer-te a alegria e suprimir-te as dores.

amor, o pensamento da morte o acompanha sempre. (...) Foram eles, por assim dizer, o amor e a morte, assim como a luz e a sombra dos seus olhos, o mel e a cicuta dos seus lábios, a sístole e a diástole do seu coração.» (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, 14 de Fevereiro de 1895 — Livramento, Rio Grande do Sul, 13 de Setembro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Na Terra Virgem; Coroa de Sonhos; etc.

14. Este soneto é, sem dúvida, uma resposta ao poema que AW escreveu pouco antes de sua desencarnação, "Idealizando a Morte" (*apud Col. Poetas Sul-Riogr.*, pág. 302), do qual vamos transcrever o último quarteto, grifando as rimas que se repetem no soneto de hoje:

"E morrer... e levar com a vida que se *trunca*,
Tudo que de doçura e amargor teve a *vida*:
O sonho enfermo, a glória obscura, a fé *perdida*,
E o segredo de amor, que eu não te disse *nunca*!"

Amanhã será sol em pleno trilho escuro,
Almenara de amor a indicar-te o futuro
No horizonte da paz, onde a esperança mora.

Mas do tempo que é sombra, anseio, plano e anelo,
Nos caminhos do Tempo, eis que o Tempo mais belo
E' o momento imortal que chamamos "agora".

ANTEVISÃO

E um dia chegará, de segundo a segundo,
A vitória imortal... Tiranias ultrizes
Dobrarão para sempre as trágicas cervizes
Ante o reino do amor a espriar-se, fecundo!

- 33 A impiedade revel, o ódio a rir-se iracundo,
A usura de Harpagão e o gládio de Cambises
Serão restos crostais de velhas cicatrizes,
Temerárias lições no semblante do mundo!

Não mais fome ou nudez... O arado, a escola e o malho
Entoarão sobre a Terra as canções do trabalho
Em trompas e clarins de concerto bendito!

E os homens, céus além, ao tato incontroverso,
Descobrirão, por fim, nos portais do Universo,
A bússola de Deus no timão do Infinito!



33. Leia-se com sinérese: *im-pie-da-de*.

MOACIR de Toledo PIZA *



MORTO-VIVO

- Reborbulha-me a ideia na cabeça...
Corre o sangue nas veias de meu pulso...
Os ouvidos, por mais que me estarreja,
4 Guardam consigo os sons que eu mesmo expulso...

Minha imaginação brinca, travessa...
Respiro. E' o peito meu, triste, convulso...
E a razão pede para que não desça
À sombra imensa de meu próprio impulso.

(*) Bacharel, em 1915, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, colaborou na imprensa de S. Paulo e do Rio, «com incursões, frequentes e ilimitadas, ao epigrama e ao sarcasmo». Mas, «apesar de toda essa aparência de mordacidade iconoclástica à flor da pele, era um sentimental e um lírico. Amigo cem por cento dos amigos» (L. C. de Melo, **Dic. Aut. Paulistas**, pág. 484-485). Foi redator do **Estado de S. Paulo**. Hilário Tácito, na apresentação à **Vespeira**, pág. III, afirma que «a crí-